

FOLHA DA JUCISTA

J. U. C. F.

Filiada na «PAX ROMANA»

VERDADE E ALEGRIA

CAMPANHA DA A. C.

«Nós queremos, Senhor, — pensar como Vós... Vós sois a Verdade...» — Afirmação que encerra um mundo de pensamentos e implicitamente um programa de vida.

Se quisermos ser coerentes, impõe-se que harmonizemos os nossos actos com as nossas ideias.

Conhecemos a Verdade, queremos viver n'Ele e por Ele e como consequência lógica, a nossa vida terá de ser passada AO SERVIÇO DA VERDADE, em AMOR, e ALEGRIA. Não é divisa desconhecida. À volta dela giram as nossas campanhas neste ano. Exigiu-se uma doação total, porque total é o sentido, envolvendo todas as nossas ideias e atitudes. O nosso I Congresso, na sua preparação e realização foi um testemunho deste conceito: — «AO SERVIÇO DA VERDADE».

Impõe-se continuar. Parar, cair na rotina é morrer. As nossas responsabilidades de Universitárias católicas são agora maiores do que nunca. O ano terminou, mas nós continuamos. As férias não podem ser uma paragem final, mas sim um «apeadeiro» na nossa vida, em que livres de exames e de aulas podemos descansar um momento e rever o muito ou pouco que fizemos e o «enorme» que se impõe fazer.

Se pretendêssemos dizer o que intrinsecamente deveriam ser umas férias, parece-nos que a frase de Barrés quadraria maravilhosamente: «Há minutos nas nossas vidas afadigadas e dispersas em que querríamos como que restabelecer-nos, recolher-nos no nosso interior, regressar à nascente e de lá ver melhor, mais calmamente, para onde vamos, onde devemos ir, e rectificar os nossos caminhos».

Sim, umas férias para nós jucistas, são minutos, dias, meses em que podemos fazer uma introspecção séria e profunda no sentido cons-



tractivo, para que as energias físicas, intelectuais e morais que possamos adquirir se traduzam em «valores» não só visíveis e palpáveis nas férias, mas no novo ano que se aproxima.

Trairíamos as nossas ideias, atitudes e afirmações, trairíamos a «VERDADE», se as primeiras férias após o nosso Congresso fossem uma quebra de actividade no sentido de valorização pessoal e da comunidade de que somos membros.

Existe uma campanha de Férias organizada em conjunto pelos vários organismos da Acção Católica. Integremo-nos nela, colaboremos, sem olhar ao esforço que nos pedem, tendo sempre presente que «tudo é uma questão de generosidade».

Importa que a Campanha seja:

— «Um autêntico testemunho individual e colectivo de Verdade.

— Uma campanha de simplicidade e alegria, fruto da Verdade vivida.

Pela nossa presença alegre e consciente na comunidade humana, onde iremos viver, pretendemos tornar a vida cristã «possível e desejável» a todos à nossa volta.

Isto implicará uma atitude de vida inconformista, renovadora do espírito e mentalidade no nosso meio social — atitude que procuraremos assumir, convictos de que, nunca como hoje, todo o esforço VALE A PENA.

Sugestões para realizações concretas:

1.º — Campanha junto das crianças e adolescentes.

2.º — Interesse e solidariedade para com a localidade de passagem e seus habitantes, tomando contacto com as obras locais existentes e procurando ajudá-las.

3.º — Passeios, encontros, divertimentos entre novos, num espírito de simplicidade e boa camaradagem.

Continuando a citar o programa elaborado pela A. C., damos a seguir o PLANO DAS REUNIÕES.

PLANO DAS REUNIÕES

VERDADE NA NOSSA VIDA DE FÉRIAS

— As férias e a Campanha da Verdade.

— Valorizar as férias é um acto de coerência:

Época de enriquecimento:

Físico: — Descanço — Desporto — Ar livre.

Cultural: — Leituras — Conversas — Passeios instrutivos.

Espiritual: — Vida interior mais profunda.



- Apostólico: — Preocupação e interesse concreto pelos outros.
- Valorizar as Férias é um dever de coerência social.
- Solidariedade e interdependência que ligam todos os membros do nosso meio social.

Responsabilidade do nosso meio perante outros meios sociais.

- Responsabilidade do nosso testemunho.
- Repercussão dos nossos actos e atitudes.
- Dever de exemplo e coerência.

PONTOS PRÁTICOS:

- Evitar a ociosidade e a moleza.
- Aproveitar bem o tempo livre.
- Coerência nas palavras, atitudes e modas.
- Exemplo e presença activa na renovação do meio social.

VERDADE NA CARIDADE

- A primeira verdade do cristão é a caridade:
Amor aos outros que exige de cada um espírito aberto, disponível e interesse.
- Atitude de compreensão:
Não desprezar, não inferiorizar nem rebaixar os outros.
Ajudar, perdoar e confiar.
- A crítica:
Maledicência e crítica destrutiva.
- Caridade activa:
Combate ao egoísmo, culto da amizade — apoio — confiança.

PONTOS PRÁTICOS:

- Cultivar o interesse pelos outros.
- Combater a crítica e a má língua.
- Elevar as conversas.
- Reagir contra os grupos fechados.

VERDADE NA SIMPLICIDADE

- Simplicidade Evangélica.
- A criança modelo de simplicidade.
- Simplicidade interior e exterior:
Nas relações com Deus e com o próximo.

— Artificialismo do nosso meio:
Convencionanismos sociais, hábitos e expressões.
Sua gravidade e resultados.

— Materialismo ambiente que rodeia a nossa vida, especialmente em Férias:

Luxo — gozo — dispêndio de dinheiro — excesso de mundanismo.

— Vida de simplicidade e equilíbrio.

PONTOS PRÁTICOS:

— Lutar pela simplicidade nas atitudes — apresentação — divertimentos.

— Receber em casa com simplicidade.

— Criar convívios simples em que todos se sintam à vontade.

A ALEGRIA DA VERDADE

— Alegria marca e força dos espíritos jovens.

— Necessidade de alegria e optimismo para o nosso meio social.

— Razões de possuímos a Alegria.

— Projecção da nossa alegria na vida de férias.

— Testemunho duma vida católica que apeteça viver.

PONTOS PRÁTICOS:

— Criar clima de alegria e optimismo na família.

— Irradiar a alegria da família para o meio social.

— Procurar bem-estar e felicidade de todos: amigos, pessoas mais velhas, crianças, criados.

— Dar atenção aos tímidos e isolados.

— Não esquecer os doentes.

AVISO

NÃO PROMOVER FESTAS DE CARIDADE DANÇANTES NÃO SÓ PORQUE NÃO SE COADUNAM COM O ESPÍRITO CRISTÃO, MAS AINDA EM VIRTUDE DAS DETERMINAÇÕES DA AUTORIDADE ECLESIASTICA.

A partir deste programa, sucintamente apresentado, podemos elaborar as nossas actividades em férias. Nada faremos sòzinhas. Não esperemos que venham ter connosco; se não conhecemos, ainda, o ambiente, tomemos contacto com o Rev.º Pároco da localidade para lhe

mostrar o plano da campanha e inquirir do meio para que a nossa presença «se torne em serviço da Igreja, que o mesmo é dizer SERVIÇO DA VERDADE».

Verdade na caridade. Verdade na simplicidade. Sempre com alegria. Vida ao ar livre: nunca é demais repeti-lo. Vida tranquila que tonifique os nervos. Vida variada, alegre, em que se saboreie o gosto de todas as coisas boas da vida — a liberdade, a natureza, a amizade, a presença de Deus.

O plano das reuniões apontado toca pontos fundamentais — pedras de toque do nosso «eu». Aproveitemo-lo; meditemos nos pontos que, mais no íntimo, nos dizem respeito.

Que as férias sejam uma ascese de pureza, de alegria e de simplicidade.

No meio de todas as solicitações para a dissipação, recolhamo-nos. Silêncio... Silêncio... Do silêncio provêm as grandes decisões. Levemos connosco o desejo de buscar a Deus e de ter o sentido dos outros. E as nossas férias serão uma página construtiva do livro da vida, porque, mais do que nunca, o espírito esteve sempre presente.

Lembre-mo-nos das nossas companheiras de equipa; a «carta rolante» corresponderá a algo muito mais valioso que umas folhas de papel rabiscadas, que um elo material, porque será um símbolo do transcendente, da união de todas nós, no mesmo espírito e oração em Cristo, Nosso Mestre.

Fundação Cuidar o Futuro



Pressinto-te, Senhor, em todos

Os actos

Da hora violenta e mansa:

Nos gritos humanos

Das rãs e dos ralos;

Nos gestos serenos

Dos lagos parados.

*(Que eu te comungue, Senhor,
na tarde suspensa.)*

1953 — M.G.V.C.

UM PROGRAMA PARA AS FÉRIAS

Iniciámos há pouco as nossas férias. Tempo maravilhoso de projectos e realizações, este que o Senhor põe à nossa disposição para nos revermos, para escolhermos, para decidirmos — numa palavra: para nos realizarmos. Saibamos fazer destas férias grandes umas **férias em grande!**

Porque estamos ainda no início e porque todas as boas obras carecem de planos previamente traçados, tomemos o lápis e o papel e vamos muito tranquilamente, a sós connosco e com Deus, perguntar-lhe como Ele quer que sejam as nossas férias.

No cimo do programa, escrevamos já: **UNIVERSITÁRIA CATÓLICA** — palavras tremendamente significativas pelas responsabilidades que envolvem e das quais não nos podemos alhear ao estabelecermos um plano de férias. Recordemos o que tantas vezes se tem dito a esse respeito: Para a universitário, férias não devem ser um interregno na vida intelectual, mas antes um tempo de enriquecimento cultural, de formação profissional, de valorização prática. Como católica, férias não devem ser sinónimo de paragem e muito menos de retrocesso na vida espiritual — são antes revisão e aperfeiçoamento, avanço na escala do difícil que leva às Alturas, progresso no conhecimento e no amor de Deus e do próximo.

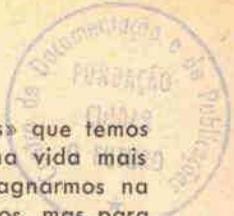
E, se acrescentarmos: **JUCISTA** — reforçamos a primeira ideia e chamamos a nossa própria atenção para os deveres que temos como colaboradoras da Hierarquia da Igreja, no «Serviço do Reino».

Assim, impressas no papel e gravadas na alma estas três palavras: **Universitária — Católica — Jucista**, vamos estabelecer o programa.

Por princípios orientadores tomemos o da **unificação** e o da **coerência**. Como centro único das nossas férias vamos colocar a Santa Missa; para sermos coerentes, procuremos «continuar» em cada dia de férias a Missa em que participamos.

Não quero falar daquelas vezes em que a nossa presença é só de corpo ou dialogamos automaticamente, sem quase apreendermos o sentido do que dizemos; falo, principalmente, de quando **tudo** acaba ao «Ite, Missa est» com um «Deo Gratias» dito à pressa, «a despachar» e tudo se esquece ao sair as portas do templo. Amigas, que coerência haverá, de facto, em semelhantes atitudes? — Por Deus, que isto nos não suceda nestas férias!...

I — Começemos por fazer o balanço do ano que acabou e das férias que passaram e, neste exame, sejamos verdadeiras connosco próprias (não esqueçamos a Campanha da Verdade!). Renovemos o CON-



FITEOR de cada Missa: reconhecimento humilde das «arestas» que temos de «limar» durante as férias e promessa confiante de uma vida mais alta e mais santa. «Mea culpa» que se diz não para estagnarmos na ociosa contemplação do que devíamos ter feito e não fizemos, mas para tirarmos o propósito de uma acção mais eficiente. Confiteor — momento de purificação que é preciso estender a todos os momentos das nossas férias, ocasião única de «acertarmos as contas», de mantermos o equilíbrio. E não será este o objectivo número um das nossas férias? Quantas vezes no tempo de aulas, as ocupações e o estudo absorvente nos fizeram perder o equilíbrio — saibamos agora restabelecê-lo, pelo repouso que nos fará recuperar as energias físicas e nos trará a concentração necessária para pormos em ordem a nossa vida interior.

Saibamos entender o equilíbrio, não como um «meio-termo» (a vida do cristão não é um meio termo, é um extremo, uma «loucura» — no dizer do Apóstolo...), mas como uma maravilhosa conciliação dos aspectos diversos da nossa vida humana, um «crescimento harmonioso» que é marca de santidade. Assim, as nossas férias nunca serão o que, lamentavelmente, tantas vezes ouvimos dizer: «um estar livre de tudo, para não se fazer nada».

II — Depois, há que transpor o plano pessoal e não ficarmos egoisticamente fechadas nos estreitos limites do nosso eu, comunicando a Mensagem de que somos portadoras. Sim porque as palavras do apóstolo ou do profeta na EPISTOLA da Missa são um testemunho que temos de fazer nossos, de tornar «vida» a custo que custar, para sermos os outros. No EVANGELHO, é o próprio Jesus que surge a abrir-nos o caminho, a apontar-nos o exemplo... que temos de dar nestas férias!

E aqui lembremo-nos dos nossos deveres de apóstolas: a nossa acção não terminou com aquela reunião que fechou o ano jucista da nossa Faculdade, mas terá de prosseguir, na cidade, no campo ou na praia, onde quer que estejamos a passar as férias. Se temos possibilidade de nos reunirmos a todas as jucistas que estão na mesma localidade a passar o verão, juntemo-nos sem acanhamento nem friezas (que importa que não nos conhecéssemos antes, se todas somos «com unum»?...) e formemos um grupo forte, irradiante, muito aberto (são tão detestáveis os grupos fechados!!). Organizemos passeios, tardes de cultura, brincadeiras, desporto — mas não nos esqueçamos da espiritualidade que deve estruturar todos os nossos actos. Combinemos, por exemplo, participar juntas na Missa, em certo dia da semana e, se for possível, dialoguemo-la. Encontremo-nos de vez em quando, mesmo no pinhal ou junto ao mar, para falarmos a «sério» sobre «coisas sérias», como fazíamos durante o ano com a nossa equipa. Colaboremos com outros organismos da A. C. ob noutras Obras da terra onde estamos, sem nos preocuparmos com a diferença de meios ou de níveis.

E, se não tivermos jucistas perto, talvez tenhamos simplesmente uni-

versitárias, a quem nos poderemos unir, pelo menos pelas preocupações intelectuais, que nos são comuns. Quem sabe se isto não será o começo de uma colaboração que ainda não chegou, porque nenhum apelo lhes foi dirigido.

Quanto às nossas companheiras de equipa, apesar de estarem longe da vista, nada impede que continuem a estar bem perto do coração — isto o que consegue a união que há entre nós, que não olha ao tempo nem à distância, porque fundamentada numa amizade superior; a concretizá-la vem uma carta, «a rolar», que não pode ser um simples relatório frio e objectivo, mas a expressão de almas que se encontram e reciprocamente apresentam os seus êxitos e as suas derrotas numa intenção de melhoramento e correcção. Assim compreendida a «carta rolante», poderemos retê-la adiando inexplicavelmente a sua resposta, de dia para dia, até... ao fim das férias?

Se tivermos de ficar na cidade ou de ir passar o verão numa aldeia isolada, na província, nem por isso as nossas férias poderão ser mais monótonas ou menos rendosas. Não há monotonia para os espíritos jovens que sabem partir à descoberta do mundo novo, que sempre existe, em cada hora que passa. E há sempre oportunidade de render, quando tudo se aceita, para tudo se dar.

III — Nisto, está o segredo das nossas férias: ser capaz de viver cada momento, de mãos estendidas, a aceitar e oferecer.

Ainda que conscientes da pobreza da nossa oferta, não tenhamos receio de uma doação total porque tudo «tem valor infinito no Senhor». Este é o OFERTÓRIO da Missa que se prolonga pela vida, dadaiva que se deposita na patena do Sacerdote e se realiza nas horas boas e más do nosso dia-a-dia.

Vida de apostolado é doação desinteressada, é aproximação sem pressas, um deixar transbordar sem precipitações. «Que importa um ano a mais ou a menos, se estamos a trabalhar para a Eternidade?». Sim, que importa, se a nossa vida inteira é um Ofertório contínuo a Deus, através de todos?...

IV — Mas este oferecimento, que se torna por vezes difícil e até heróico, pressupõe uma atitude de «presença», afirmação de um MOMENTO de VIVOS que se estende, em espírito e acção, para além da Missa. E como poderemos «vivê-lo» nestas férias? — Procurando, simplesmente, «estar presente». Presente, antes de mais, na família, com o auxílio que é serviço generoso, com a palavra que esclarece e orienta, com o sorriso que anima e atrai os corações. Sabemos que é pela experiência, na vida do lar, que podemos adquirir aquela «cultura caseira» que a Universidade nunca nos dará e de que necessitaremos sempre, se bem quisermos realizar a nossa vocação feminina e a nossa missão educadora.

Também na vida da sociedade, há que marcar uma presença vinca-damente cristã: pela seriedade de atitudes, pela intransigência de princípios, pelo conteúdo das conversas e, até, pelo silêncio que prudentemente, tantas vezes, teremos de manter.

Presença, ainda, no interesse com que aproveitamos as férias para valorização da nossa vida intelectual. Sempre que dizemos que o «Congresso continua», estamos a afirmar que queremos estar mais presentes na vida do pensamento e mais activas ao serviço da Igreja.

Não podemos, portanto, deixar correr o tempo de férias sem que concretizemos essa afirmação: tomemos um assunto que nos interesse — de filosofia, de literatura, de ciência, de religião, de pedagogia, etc. Procuremos numa boa bibliografia (ver artigo sobre Leituras) alguns livros, poucos mas bons, e lancemo-nos ao estudo do tema.

Só na medida em que nos esforçarmos por uma cultura geral mais vasta e «actualizada», por uma formação profissional mais eficiente, e só na medida em que basearmos tudo isto num conhecimento bem estruturado da filosofia e da religião, — estamos a caminho da Universidade Nova, servindo a Igreja e a Pátria.

V — Mas há, ainda, uma outra forma de «presença», a única insubstituível, porque é a que sobrenaturaliza todas as outras — refiro-me à presença pela **oração**.

Não há tempo melhor do que o das férias para «reformarmos» a nossa vida de piedade. E não se trata apenas de método, incluindo no horário de férias as orações da manhã e da noite, a missa, a meditação, o terço e o exame de consciência; trata-se sobretudo de alargar horizontes, de sair das «intencõezinhas particulares», para sentir a plenitude do nosso catolicismo e o valor de ser-se membro do Corpo Místico de Cristo. De um modo especial, atendamos ao apêlo que «Pax Romana» não cessa de nos dirigir: que nos unamos em verdadeiro espírito de oração a todos os estudantes e intelectuais católicos do mundo, formando, em Cristo, uma forte comunidade.

Afinal, é este o sentido daquelas palavras simples, quando rezamos: PAI NOSSO... Oração consciente não é rotineira repetição de fórmulas ou «hábito» adquirido. Orar é conversar com Deus, colóquio íntimo que se estabelece tanto nas horas livres como no trabalho; por isso estudar pode ser também orar (quantas horas de estudo podíamos ter consagrado ao Senhor, durante o ano, e...). Em qualquer dos casos, oração é sempre **união** a Deus, numa inteira correspondência à sua Graça.

VI — União em Deus — condição indispensável para o máximo rendimento das nossas férias. União absoluta, **COMUNHÃO** íntima até à completa identificação com o Senhor Jesus, de modo que não sejamos nós a viver, mas Ele a viver em nós, a possuir-nos...

Milagre de Amor operado há vinte séculos, naquela Quinta-feira

Santa e renovado diariamente sobre o Altar e no fundo das almas. Hoje, a mesma realidade de então:

Jesus que continua a pronunciar as mesmas palavras: «Isto é o meu Corpo... Isto é o meu Sangue...»; à Sua volta — João, Judas, os outros Apóstolos... À Sua volta — nós... (sempre como João, ou quem sabe, se algumas vezes também como Judas?...).

Que lugar reservaremos nas nossas férias, a esta união, simultaneamente espiritual e física, com Jesus? Não pode reduzir-se apenas a um momento mais recolhido ou mais consolador para a sensibilidade, e que passa com a Missa. Tem de ser um acto que continua e se evidencia, à medida que nos transfigura.

É preciso que nestas férias, cada vez que o Senhor vier a nós, nos encontre diferentes e se demore mais tempo connosco; nos encontre conscientes e desejosas da Sua vinda, numa atitude de retribuição que é louvor, ACÇÃO DE GRAÇAS, síntese maravilhosa de «Fiat» e «Magnificat».

Um Cântico de Graças, têm de ser, em última análise, as nossas férias. Sinal de gratidão por um ano de trabalho intenso pelas possibilidades que Deus nos trouxe, de O servirmos e de O amarmos. Reconhecimento profundo por todos os êxitos alcançados e também pelos resultados dos nossos insucessos. Agradecimento, sobretudo, pelos dons que nos foram concedidos e por todas as oportunidades que tivemos de os fazer render.

Com estas considerações estamos prontas a esquematizar o nosso programa de férias. Basta que transformemos em alíneas os propósitos que nos ficaram desta meditação. Depois, é só invocar, a cada passo, as luzes do Espírito, para que tudo se cumpra conforme o Senhor nos inspirou.

«VERDADE E AMOR, NÃO ME ABANDONEIS.»



Equilíbrio... ou Desequilíbrio

Ano Novo, Vida Nova — Um ano lectivo chegou ao fim; em breve, começará outro. Para nós, estudantes, o ano lectivo marca muito mais do que o ano civil. É, portanto, agora, que estamos em férias e temos mais tempo livre, a melhor ocasião para nos prepararmos para uma vida nova — uma vida melhor, mais pura, mais elevada, mais santa e mais completa. Antes de lançar os fundamentos dessa vida nova, é oportuno fazermos o exame de consciência, uma revisão geral do que fizemos e do que não fizemos, do que estudámos e do que não estudámos, do que cumprimos e daquilo a que faltámos; procuremos ver claro em nós, sermos severas, mas justas; busquemos o que for mau, para o arrancar e reconhecemos, igualmente, o bem que houver em nós, para o conservarmos e intensificarmos. E não nos esqueçamos de ver, se vivemos em equilíbrio ou desequilíbrio?

— É tão difícil encontrar o equilíbrio! E não é mais fácil conservá-lo. Há coisas que, uma vez adquiridas, levam o homem a descansar, gozando a sua vitória. Mas, com o equilíbrio, não é assim. É exigente, requer uma vigilância constante. Qualquer pequeno descuido, um minuto de relaxamento, apenas, e eis que é preciso recomeçar tudo. E são tantos estes perigos que nos obrigam a um estado de tensão permanente!

— Porque o equilíbrio é muito complexo! Equilíbrio do nosso ser: não somos, nem puros espíritos nem matéria apenas. Temos corpo e temos alma, temos razão e temos sentidos. Equilíbrio na nossa maneira de ser. Equilíbrio nas grandes decisões. Equilíbrio na vida de todos os dias.

— Equilíbrio na vida de todos os dias — entram aqui coisas tão pequeninas, e passam tão, tão facilmente despercebidas que acontece não nos lembrarmos serem, também, factor de equilíbrio. Era deste ponto que eu te queria falar, jucista. Falar-te? Não. O teu exame de consciência tem de ser feito por ti, sôzinha, na presença de Deus. Vou, apenas, dar-te algumas frases, que talvez te ajudem, que te podem fazer pensar.

Distribuir mal o seu tempo.

Agir por fantasia ou por capricho.

É espantoso! No princípio do ano, temos sempre tão bons propósitos, pensamos fazer tanta coisa útil, proveitosa, interessante, chegamos mesmo a pôr uma série delas em prática. Mas, no fim, feitas as contas, o resultado não é brilhante; é, até, bastante desanimador. O que terá acontecido? Nada de especial; isto, simplesmente: esquecemo-nos de que o dia tem 24 horas e a semana 7 dias e arranjamós ocupações que dariam para dias de 48 horas e semanas de 15 dias. E não soubemos discernir

o que era essencial e, dentro do essencial, o mais importante, para lhe dedicar maior atenção. A nossa escolha, muitas vezes, não é baseada no que deve ser, mas no que é mais agradável ou naquilo que julgamos dever ser. Sempre que, por capricho ou fantasia (ou às vezes, até, animadas das melhores intenções) queremos alterar a hierarquia das nossas obrigações, podemos ter a certeza de que vamos cair na anarquia, na confusão.

E para nós, universitárias, o estudo impõe-se como obrigação número 1; é o nosso dever de estado; arranjar razões que desculpem o seu abandono, em troca doutras ocupações, é sofismar; a não ser, evidentemente, em casos extremos.

Por tudo isto, é perigoso para o equilíbrio não prever. Prever as consequências dos nossos actos e prever também as alterações que as condições exteriores podem ou costumam sofrer. Claro que há imponderáveis que não nos é possível adivinhar; mas, por outro lado, todas temos o dever de nos lembrarmos, em Outubro, que, durante o ano, há exames; que, também, há a Campanha do Natal e a Campanha Pascal, etc. e já é, em função desta visão geral, que temos de decidir e organizar. Se não for assim, ai de nós! Em Outubro e Novembro, há tão pouco, ainda, que fazer! Mas, quando chegarmos a Março... Valha-me Nossa Senhora, para que lado me hei-de eu virar?...

Deus não exige o mesmo de todos e não pede a ninguém mais do que aquilo que lhe é possível dar; todavia, quer que cada um encha a sua medida. E que a encha com trigo escolhido, já limpo de todo o joio e ervas daninhas.

Não é atitude de um cálico aceitar deliberadamente a sua mediocridade e não procurar sair dela. E como conseguir essa libertação, se, habitualmente, não dermos a nossa medida?

Sem darmos a nossa medida, não alcançamos o equilíbrio; porque ficam abafadas muitas potencialidades, ficam destruídas muitas sementes, que precisariam de se desenvolver, que viriam completar a harmonia do nosso ser.

Tudo o que seja medíocre, como o espírito mesquinho, a falta de generosidade, os pequenos nada que o comodismo não nos deixa arrancar, a ignorância — consequência da preguiça — tudo isto enche, também, a nossa medida; mas enche-a, adulterando-a. E, digamos assim, rouba o espaço que devia ser ocupado só pelo trigo.

Uma das causas que mais provoca o desequilíbrio é que, para nos aproximarmos da posição estável, tivemos de renunciar a muito que nos seria agradável, de cortar muitas coisas supérfluas, de fazer face a contrariedades diversas. Chegada uma certa altura, cansamo-nos, não temos forças para seguir. Na luta, nem sempre alcançamos vitórias; por vezes, saímos vencidas e, então, batemos em retirada. Esquecemo-nos de que a vitória final é a que interessa, desencorajamo-nos perante as dificuldades ou após os fracassos.

Tanto mais que havia para dizer... Mas tu, jucista, é que tens de dizer o que aqui falta. E o que tu acrescentares, com certeza vai ser diferente do que se lembrou outra jucista. E cada uma trará a sua experiência, as suas dificuldades, as suas possibilidades e, consoante forem, assim fará o seu exame de consciência e tomará as suas decisões. Eu só quis ajudar-te a recordar que, para haver equilíbrio, não podemos esquecer as nossas limitações (é, até, uma questão de humildade, reconhecer-las), não podemos tentar ultrapassar as nossas forças; mas, também, precisamos de não ficar aquém. Não podemos deixar a nossa medida vazia, nem mal cheia, quer em quantidade, quer em qualidade.

A preparação do próximo ano deve, portanto, merecer-nos o máximo de atenção. Quando dispusermos o nosso tempo, saibamos ser generosas e prudentes. Quando vierem pedir a nossa colaboração para diversas actividades, vejamos bem, se podemos **aceitar e cumprir**, sem termos, depois, de as abandonar a meio e comprometer o seu resultado e sem prejudicar a hierarquia das nossas obrigações. Quando for o nosso egoísmo e o nosso comodismo que estiverem em jogo, ou até mesmo algumas horas de descanso, legítimas mas dispensáveis (e só estas), que a nossa resposta seja um **sim**, alegre e pronto; porém, quando for o nosso estudo, a nossa saúde, a nossa vida futura, o nosso equilíbrio que fiquem arriscados, saibamos dizer **não** — um não, também, alegre, embora muitas vezes custoso.

E mesmo que as dificuldades sejam muitas, mesmo que, apesar de todos os esforços, nos pareça quase impossível conservar o equilíbrio, porque a nossa tarefa é grande e grande são os perigos e solicitações que nos cercam, não percamos a confiança Deus nunca nos abandona e nós, também, poderemos cantar com o salmista:

«Procuraram derribar-me; empurraram-me e estive quase a cair; mas o Senhor susteve-me.

**O Senhor é a minha fortaleza e o meu louvor
e tornou-se a minha salvação.»**



COMUNIDADE

— TENDÊNCIA NATURAL

— EXIGÊNCIA MÍSTICA

É ocioso dizer que o Homem só pode viver em Sociedade. Por mais longínquas que remontem as investigações da história, sempre vamos encontrar que o «habitat» do Homem é um meio social; e, só por abstracção, se pode conceber um Homem isolado que, à maneira de Robinson na sua ilha deserta, se satisfaça a si mesmo.

Esta tendência que o Homem manifesta para se agrupar é-lhe ditada pela sua própria condição e, como tal, é produto do Instinto — impulso instintivo, mas mais do que instintivo.

O Homem, ao agrupar-se, tem presentes todas as suas necessidades e a insuficiência manifesta de recursos individuais que lhe não permitem satisfazê-las por si; logo, a Razão também conduz o Homem ao grupo.

Deste modo, impulsionado pelo Instinto e esclarecido pela Razão, o Homem forma comunidades, grupos em que um mesmo elo fundamental prende todos os membros. E a sociedade, por sua vez, não é mais do que um agregado destas comunidades parcelares ou, como se diz em moderna terminologia, é uma Instituição superior, formada por estas Instituições de grau inferior.

A História ensina que as Instituições se têm multiplicado com o tempo. Num estado primitivo de civilização, não há notícia de grande diversidade de grupos ou, melhor, os historiadores só dão relevo à Família; nos nossos dias, as coisas passam-se de maneira diferente: as comunidades multiplicam-se quase indefinidamente.

Há comunidades de operários e comunidades de patrões e comunidades de uns e outros; há círculos de cultura e centros de estudo; há instituições de beneficência e instituições de previdência e assistência social...

Onde quer que surja um interesse comum, os homens reúnem-se em torno dele e voluntariamente cedem parte dos seus benefícios pessoais para que subsista um bem mais geral.

Tocamos, agora, o fundamento de Instituição. Falámos, acima, na moderna teoria institucional; diremos, agora, e de passagem, apenas, que ela se propõe explicar estas associações naturais — instituições-realidade, criando para isso um instrumento novo — instituição-conceito, ao qual atribui três elementos principais:

— Ideia-finalidade, organização e duração.

Não querendo menosprezar os dois últimos (aliás, imprescindíveis

para definir Instituição), desejaríamos fazer referência somente ao primeiro.

Qual a ideia-finalidade da Instituição?

De certo modo, está explícito no anteriormente referido. É o Bem Comum, o «substractum» metafísico da Instituição, o seu fundamento.

Isto pelo que respeita à Instituição-conceito, porque a Instituição-realidade nem sempre tem mantido esta pureza de princípios: temos exemplos na história:

— É o Individualismo que coloca o interesse do indivíduo acima do interesse da comunidade.

— É o Socialismo, fenómeno de reacção à ideologia anterior que confunde o Homem com a Sociedade e lhe nega direitos elementares, partindo da ignorância absurda de que no Homem há duas realidades bem distintas — uma, que o caracteriza como indivíduo e pode submeter-se ao interesse geral; outra, que o identifica como Pessoa, sem poder comportar qualquer subordinação, porque, como diz S. Tomás, nada há na criação que lhe seja superior.

E, porque a história não poupa os erros e desvirtuamentos dos princípios, a Humanidade nem sempre pode orgulhar-se de ter sido fiel à verdade, de nos ter expiado duramente os desvios dela.

Seja como for, o sentido comunitário tem-se mantido através dos séculos, em uns menos, em outros mais acentuado — é o caso da nossa época — e tal bastaria, só por si, para confirmar que ele corresponde a uma tendência natural que nem os erros dos homens puderam extinguir.

A par desta concepção, surge-nos o conceito cristão de comunidade. Esta não significa, apenas, associação de interesses, qualquer reunião de pessoas em ordem à consecução de um fim comum.

O conceito cristão de comunidade transcende isto. E como não havia de suceder assim, se o vamos buscar à Verdade Revelada?

É Cristo que dá o «tom» duma nova forma de comunhão social, quando depois da Ceia, faz as últimas recomendações aos Apóstolos. É o exemplo da vinha de que Ele é o tronco e nós os ramos — que haverá com maior simbologia para figurar a unidade entre todos os que participam da mesma Seiva? Todo esse maravilhoso discurso do cenáculo denota um cuidado muito especial pela união entre todos, a tal ponto que Cristo pede ao Pai:

«Que sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim e eu em ti, para que também eles sejam um em nós» (S. João, XVII, 21).

Este mesmo sentido de união nos revelam as primeiras comunidades cristãs.

Os Actos dos Apóstolos e as Epístolas envolvem-nos nesta atmosfera de comunidade autêntica concretizada quer na ordem espiritual — «a multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma» (Act. Ap. IV, 32), — quer na ordem temporal — «nenhum deles dizia ser sua

coisa alguma daquelas que possuía, mas tudo era comum entre eles... e não havia nenhum necessitado entre eles» (idem).

Também das Epístolas de S. Paulo ressalta, a cada passo, a doutrina do Corpo Místico de Cristo: «Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo» (1.º Ep. aos Cor., cap. VI - 15)? «Nós, embora muitos, formamos um só corpo»; «num mesmo Espírito fomos baptizados para sermos um só corpo... de maneira que, quando um membro sofre, todos os membros sofrem com ele ou se um membro recebe glória todos os membros se regozijam nele» (1.º Ep. aos Cor., cap. XII, 26).

Nos nossos dias, embora para a maioria dos cristãos se tenha perdido toda a riqueza do dogma da Comunhão dos Santos (ainda que continuem a acreditar nele e a repeti-lo, muitas vezes), a Igreja, zelosa da doutrina do Mestre, mantém-se fiel a este chamamento à unidade. Outra coisa não significam os apelos que o Santo Padre tem dirigido a todos os católicos do mundo inteiro, para que participem dos sofrimentos dos seus irmãos perseguidos, referindo-se aos que pela força das circunstâncias se vêem obrigados a formar a «Igreja do Silêncio».

Na Igreja, tudo é um convite à unidade: a Oração, a santificação pessoal, a Vida sacramental.

Pelo dogma da Comunhão dos Santos, sabemos que até mesmo a nossa Santificação pessoal tem repercussões sociais; porque, ao elevar-mo-nos, é toda a Igreja de Cristo que se regozija e se santifica; e também, quando somos arrastados por sentimentos mais baixos, por atitudes mesquinhas, arrastamos, atrás da nossa miséria, os outros membros de Cristo.

A terminar, uma passagem de Philipon que é uma síntese feliz do sentido de comunidade na vida sacramental: «Les perspectives personnelles sont infiniment dépassées. Les sacrements de l'Église ne semblent plus de simples gestes individuels. Le baptême est le symbole de notre incorporation au Christ et à son Église. La Confirmation apporte au baptisé une grâce sociale de militant du Christ, en vue de la défense et de l'expansion de la communauté chrétienne. L'Eucharistie reste plus que jamais le grand sacrement de l'unité. Même cette absolution qui dans l'ombre et le silence du confessionnal, descend sur une âme de pénitent revêt un sens communautaire: c'est l'Église pécheresse qui se purifie de ses fautes quotidiennes dans le sang du Christ. Le Mariage n'est plus qu'un groupe fermé où deux êtres humains se replient sur eux-mêmes; la communauté familiale devenue plus consciente des besoins de l'Église est le foyer fécond où l'Église de la terre prépare des élus à la cité de Dieu. — L'Ordre sacrement social par excellence, assure Dieu primordial qu'est la hiérarchie de l'Église. Enfin, l'Extrême-Onction fait passer le mourant de la communauté militante à l'Église du Ciel.

Seules ces perspectives sociales et communautaires nous font entrer dans une intelligence authentique et profonde des mystères chrétiens».

«PAX ROMANA»

NOTICIÁRIO



O QUE NOS DIZ...

...O Secretariado Geral de P. R.

As federações de estudantes católicos, filiadas na Pax Romana, reunem-se, este verão, em Assembleia Interfederal, de 28 de Julho a 3 de Agosto, em Krabbesholm (Dinamarca).

Será estudado o seguinte tema geral: «O estudante católico e a comunidade universitária». Este tema vai ser examinado por quatro Responsáveis, sob os pontos de vista seguintes:

1.º — A vida intelectual da comunidade universitária; 2.º — a vida religiosa da comunidade universitária; 3.º — as estruturas da comunidade universitária; 4.º — a comunidade universitária nos planos nacional e internacional.

Com grande alegria, a Direcção Geral comunica a todas as filiadas que a JUCF estará presente nesta Assembleia, na pessoa de uma Delegada. Tão importante acontecimento interfederal não pode deixar-nos indiferentes. As nossas orações devem acompanhar a Delegada da JUCF e não só esta como as delegadas de todas as Federações, para que, num só coração e numa só alma, todos vivam em Cristo estas férias de comunidade universitária católica: vida em comum, labor e oração em comum, o amor de Cristo renovando e vivificando os compromissos assumidos, para que se torne mais real e perfeito o sentido ecuménico dos termos «universitário» e «católico», mais sobrenaturalizada a nossa actuação, mais radicada em Cristo a nossa sabedoria e a nossa cultura, cada vez mais impregnada de caridade a aproximação material e espiritual das federações entre si.

Que vamos nós fazer presentemente, durante as férias, no próximo ano jucista, para que a nossa participação na renovação cristã da comunidade universitária seja verdadeiramente activa? Que compromissos vamos assumir para levar o mundo pagão de hoje a soltar o mesmo grito de louvor a Cristo dos primeiros tempos de comunidade cristã: «como eles se amam!»?

...O Subsecretariado de Arte

No passado mês de Abril, a federação alemã KDSE e a francesa FFEC organizaram, em Düsseldorf (Alemanha), onde funciona este Subsecretariado, um encontro franco-alemão, no qual a liturgia da Semana Santa foi vivida em comum. O Dr. Küppers, Director do Subsecretariado, encarregou-se de uma iniciação artística no museu desta cidade.

Anuncia-se que um grupo de estudantes dos Estados Unidos visitará, este verão, a Alemanha.

Prevê-se uma reunião em Düsseldorf, com explicações e visitas de arte sob a orientação do Dr. Küppers.

...O Subsecretariado dos Estudantes Engenheiros

Dada a importância crescente da vida técnica e económica e a urgência dos problemas internacionais, é necessária, da parte dos engenheiros e futuros engenheiros católicos, uma tomada de consciência das suas responsabilidades na vida económica moderna no plano universal. Neste sentido, criaram-se, no seio da Pax Romana, o Secretariado dos Engenheiros Católicos (MIIC) e o Subsecretariado dos Estudantes Engenheiros (MIEC), que, este ano, estudam os problemas da «Formação do Engenheiro».

Este Subsecretariado, sob a direcção de M. Jacques Antoine, baseia o seu trabalho na força e experiência de um grupo bem estruturado e organizado — o grupo «Action Catholique des Grandes Écoles» (ACGE), que no plano nacional francês é responsável pela formação em ordem ao apostolado do futuro engenheiro, formação pessoal do homem e do cristão, formação em ordem às responsabilidades futuras no seu meio profissional.

...O Subsecretariado de Farmácia

Publicou um interessante estudo sobre a «Equipa», orientado segundo as responsabilidades do estudante de farmácia. Eis os capítulos que esse estudo contém:

Porquê a Equipa? — Que é uma Equipa — Para além de uma Equipa — Meios de uma Equipa — Para o estudo de problemas profissionais e sociais (serviço de doentes — o dinheiro — relações com o pessoal, etc.) — A Equipa «célula da Igreja».

A ACEP (Associação Católica dos Estudantes de Farmácia) organiza o seu Campo de Férias anual de 16 a 30 de Julho no Maciço da Grande Chartreuse, em St. Mème, entre Grenoble e Chambéry. Propõe-se levar uma vida simples e sã, ao ar livre, com parte desportiva, cânticos, conversas com o Rev. Assistente, círculos de estudo, etc.

...O Subsecretariado de Formação e Acção Sociais

Anuncia para Outubro a publicação de uma brochura com os textos essenciais das Semanas Sociais de Königswinter (1951) e de Camaldoli (1952), nas quais se tratou respectivamente dos temas «Fundamentos e Formas do nosso Compromisso Social» e «A Democracia».

Projecta-se para este ano um Encontro de Delegados da Acção Social em Krabbesholm (Dinamarca) em vez de uma Semana Social, por ocasião da Assembleia Interfederal de Pax Romana. Haverá uma troca

de pontos de vista sobre a organização do trabalho social nas federações e sobre a colaboração com este Sub-Secretariado.

O n.º 2 do «Bulletin de Liaison» deste Subsecretariado publica uma página bibliográfica sobre temas sociais.



...O Subsecretariado de Medicina

Chama a atenção para o trabalho dos «Dias internacionais de informação sobre a protecção da Saúde dos Estudantes», realizado, em Paris, no mês de Setembro de 1952, o que representa um primeiro esforço comum dos responsáveis da saúde dos estudantes. Eis o resumo dos votos emitidos:

Relativos à tuberculose:

Possibilidade de prosseguir os estudos e necessidade para tanto de sanatórios especializados ou possuindo uma secção universitária — exame radiológico, rigorosamente periódico — «despistagem» pulmonar obrigatória em todos os países — readaptação material e psicológica dos estudantes tuberculosos — medidas preventivas, em particular aplicação do BCG.

Relativos à saúde mental:

Chamar a atenção dos poderes públicos — chamar a atenção dos estudantes para o perigo de combater a fadiga da preparação dos exames e concursos, tomando medicamentos excitantes — levar os estudantes a recorrer com confiança às consultas médico-psicológicas — criar casas de repouso, permitir, em seguida, a readaptação à vida universitária — organizar consultas de orientação.

Relativos a medidas gerais:

De segurança social — de higiene psíquica, corporal, pelo melhoramento das condições de vida, pela facilitação do desporto e da vida ao ar livre.

Em Copenhague, realizam-se, logo após a A. I. de Pax Romana, dois dias de estudo sobre os problemas do O. M. S. (Organização Mundial de Saúde), da Saúde do Estudante e da Comunidade Europeia da Saúde (Pool Blanc).

...O Subsecretariado das Missões

Publicou uma completa e valiosa bibliografia missionária dividida nos seguintes capítulos:

Obras gerais — Dogmática — Doutrina e acção pontificias — Espiritualidade — Direito Canónico — História — Estatística e informação geral — Problemas especiais: arte indígena — imprensa — medicina — questões sociais — clero indígena — esforço missionário dos leigos — Revistas principais para intelectuais.

ECOS DA VIDA SUPRANACIONAL

O QUE NOS DIZ...

...A Indonésia

Em Surabaya, realizou-se o Congresso Anual de Estudantes da Indonésia: Tomaram parte vários antigos estudantes de Nimègue (Holanda), de Washington e de Manilha.

...Japão

Em Março, a «Sophia University», dirigida por Jesuítas, abriu as suas portas a 287 estudantes, dos quais 83 católicos e 60 catecúmenos convertidos durante o ano.

...U. S. A., Alaska

Realizou-se um Congresso missionário em Fevereiro, que se ocupou, em particular, do apostolado para lá do círculo polar, assim como do auxílio a efectuar aos habitantes que vivem da indústria do salmão, na Baía de Bristol.

...Holanda

Haverá em Leiden, de 10 a 20 de Agosto, o 3.º Congresso da IPSF (International Pharmacy Students Federation). O programa inclui, além de visitas a cidades e a laboratórios e excursões, um «symposium» sobre «Educação farmacêutica».

Fundação Cuidar o Futuro

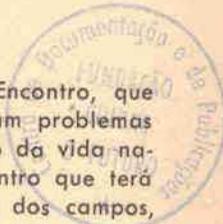
...Espanha

Realizou-se, de 10 a 17 de Abril, o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. Regozijamo-nos com este importante acontecimento da vida dos nossos irmãos universitários espanhóis, na certeza de que ele foi um brilhante e fecundo testemunho de apostolado universitário.

«Seminários de verão» locais: Barcelona-San Sebastian. Madrid-Valência. Programa: problemas internacionais, problemas estudantis, temas literários, artísticos, filosóficos. Realizam-se no mês de Agosto, durante 5 a 8 dias, conforme os locais. Informações: Departamento de Intercâmbio Cultural de S. E. U. — Alcalá, 44 — Madrid.

...Itália

Os grupos de estudantes constituídos nas várias associações estudaram, durante este ano, o tema geral proposto pela Comissão Directora da FUCI — «A democracia e o mundo operário». — Desenvolveu-se, em especial, o assunto da Semana Social de Camaldoli — «As estruturas e o desenvolvimento histórico da democracia na Itália, durante os últimos 50 anos». — Salienta-se, particularmente, a iniciativa, tomada pelos



estudantes universitários das regiões meridionais, de um Encontro, que teve lugar em Novembro de 1952, e no qual se estudaram problemas concernentes à «questão do Meio-Dia» — ponto nevrálgico da vida nacional. Os estudantes do norte estão preparando um Encontro que terá por tema a «forma típica de organização da propriedade dos campos, no Trentino e no Alto Adige».

...França

Estágios organizados pela FFEC: o Centro de Formação Social para Estudantes, em Paris, organiza, nas férias, durante um mês, um estágio operário para estudantes, rapazes e raparigas de todas as Faculdades. Este estágio pretende alcançar os seguintes objectivos: tomar um contacto sério e verdadeiro com a vida operária, vivendo na fábrica e nos bairros operários a vida dos operários; levar os intelectuais à prática de um trabalho manual, sabendo-se que, de contacto com a matéria e a máquina, resultará para eles um enriquecimento pessoal. Praticamente, o estágio é organizado da seguinte maneira: três dias para preparar e procurar contratos de trabalho, três semanas na fábrica, três dias em que se põem em comum as diversas experiências e em que se dão encontros com os militantes operários e técnicos. O salário ganho na fábrica permite aos estudantes cobrir as suas despesas.

Campo de Férias da FFEC: organizado pelo Secretariado Internacional, de 1 a 15 de Agosto e de 16 a 30 do mesmo mês, junto de St. Gervais. Inscrições no Secretariado Internacional, 61, Rue Madame, Paris.

Semana social, em Fico e Loures: férias — guerra e paz; da coexistência de dois blocos a uma comunidade internacional.

...Inglaterra

«Laetare»: é um Centro Internacional de Férias para a juventude católica, na Escócia, a 20 km de Edimbourg, junto de um lago. Programa: círculos de estudo, desporto, excursões. Informações: Director do «Laetare» — Linthgow, Escócia.

...Áustria

Semana de Estudos de Kremsmunster: de 23 a 30 de Julho. É organizada pela Federação de Estudantes Católicos Austríacos. Tema: crise e reforma da Universidade; futuro da educação superior.

...Alemanha

Congresso de Gemem: realiza-se de 31 de Julho a 10 de Agosto e tem por tema geral «a liberdade do Cristão». Serão pronunciadas conferências subordinadas aos seguintes assuntos: — a liberdade na Igreja — a liberdade no ponto de vista bíblico — a liberdade e a consciência —

a natureza e a liberdade — a liberdade do homem e do cristão na poesia moderna — a liberdade do homem e do cristão em contradição com a filosofia moderna — a liberdade na vida pública.

Encontro Internacional das Diplomadas e Estudantes: efectua-se de 30 de Julho a 6 de Agosto, na Alemanha. Neste Encontro, estudar-se-ão os seguintes temas: contactos, no plano religioso, entre as confissões e as nações — situação da mulher na Alemanha — situação da juventude alemã — política e economia da Alemanha — missão do leigo e em particular da mulher nos nossos dias.

O Círculo Carl Sönnenschein foi fundado este ano para ajudar o Secretariado Social do KDSE (Katholischen Deutschen Studenten-Einigung).

O objectivo do Círculo consiste em aperfeiçoar os múltiplos esforços no ensino e divulgação da doutrina social cristã entre estudantes e intelectuais. Este Círculo planeou e está realizando, entre outras, as seguintes iniciativas: encontros sociais — um arquivo que fornece a literatura científica e especializada para os amigos interessados — uma associação do livro que fornece nova literatura para uma biblioteca ambulante de estudantes — um serviço de auxílio a estudantes que lhes proporciona emprego, durante as férias.

...Húngaros

O relatório do Presidente da Federação dos Estudantes Católicos Húngaros, na Alemanha, apresenta a situação social destes, alguns dos quais não conseguem obter bolsas de estudo e outros são prejudicados por doença grave. Apesar de todas as dificuldades, próprias da situação de exilados, a Federação pôde obter várias bolsas para os seus membros, um certo número de caixas de socorro e organizar oito conferências.

...Lituanianos

A Federação «Ateitis» é uma reorganização católica que inclui três associações autónomas — de estudantes de escolas superiores, de universitários e de intelectuais. O seu objectivo dominante é «OMNIA INSTAURARE IN CHRISTO».

A conferência da primavera da Associação dos Estudantes Católicos Lituanos realizou-se em Abril, em Baltimore. Na parte temática do programa, o Rev. Assistente apresentou uma lição sobre «características ontológicas do espírito lituano», na qual acentuou o significado e a necessidade do sacrifício daqueles que querem viver e lutar por altos ideais: noutra lição, um estudante de psicologia discutiu os aspectos psicológicos da consciência nacional lituana.

Ambas as lições foram seguidas de animada discussão.

...Bélgica

A AUCAM, associação missionária da Universidade de Lovaina, e as Irmandades «Omnes Gentes» de Paris organizam, este verão, um Campo de Férias, Internacional, no castelo de Hollenfels (Luxembourg), de 20 de Julho a 20 de Agosto. Neste encontro de nacionalidades, raças e religiões diversas, espera-se a renovação do sucesso obtido no campo de Vézelay, em Agosto do ano passado.

...Suécia

Internacional Summer School-Work: organizado por Orjansgarden (A. G. N. I.) Rominge-Suécia. De 10 de Julho a 12 de Agosto e 16 de Agosto a 16 de Setembro. O primeiro campo ocupar-se-á de problemas internacionais e o segundo de problemas de socorros. Programa: discussões, excursões, trabalho manual (pelo menos 4 h. 3/4 por dia). Preço: a estadia é paga pelo trabalho fornecido.



Fundação Cuidar o Futuro

«SEDE UM MESMO CORPO E UM MESMO ESPÍRITO, COMO FOSTES CHAMADOS A UMA MESMA ESPERANÇA DA VOSSA VOCAÇÃO.»

(S. Paulo, aos Efésios)

SERVIÇO BIBLIOGRÁFICO

Tu, cuja inteligência foi marcada pelo sinal de consagração ao serviço da Verdade, fizeste, com certeza, durante o Congresso, o propósito de enriquecer o teu espírito, valorizando-te intelectual-mente.

Que melhor oportunidade se te oferece para esse alargamento cultural do que as férias grandes, que, para ti, universitária católica, não podem ser apenas férias longas, estiradas e amodor-radas de verão?

Antes de partir, organiza o teu programa de leituras para o qual te ficam aqui algumas sugestões:



— Interessas-te pela Arte, mas lamentas a tua ignorância das mais elementares noções?

Porque não lês, por exemplo, *«Appollo»* volume em que Salomon Reinach coligiu uma série de iconofias que constituem uma acessível iniciação na História da Arte?

— Se os teus conhecimentos gerais já ultrapassaram a simples identificação de estilos e de escolas, apreciarás *«A Arte Portuguesa»* de Ramalho Ortigão, através da qual compreenderás melhor alguns aspectos da pintura, da escultura e da arquitectura em Portugal.



— Pela natureza do teu curso, andaste todo o ano alheada da literatura? Aproveita agora as férias para ler alguns bons autores: Daniel Rops em *«Sept Portraits de Femmes»* (72\$00, ou *«Lettres de Jeunesse»* de A. de Saint-Exupéry (25\$00) ou ainda *«A Vida de Beethoven»*, escrita por Romain Rolland.

Ou então embrenha-te na doutrina de *«Culture et Personne»* de Jacques Leclerc (12\$60), ou em *«A Idade do Social»* do P.^a Lúcio Graveiro da Silva, S. J. (30\$00).



Porém, o simples facto de seres uma intelectual não pode fazer-te esquecer que és mulher.

«La Mère, Miroir de Dieu» (62\$00), obra que se deve à sensibilidade do Cardcal Mindszenty e à sua inteligência imolada à Verdade, ajudar-te-á a preparar a tua missão de educadora, mãe no sentido físico ou espiritual.

— Lê, igualmente, *«L'Apport des Femmes Chrétiennes à la Communauté Humaine»* (33\$00), *«Femmes en Usine»* de Michèle Aumont (29\$00) e *«Les Femmes Universitaires»* da série *«Le Travail de la Femme»* por Claire Léprieux (24\$50).



— Prepara durante as férias o teu apostolado universitário.

— Conheces bem a doutrina social da Igreja?

Por 4\$50 não há o direito de não possuíres na tua biblioteca, pelo menos, as encíclicas pontificias que se referem especialmente às condições de vida do operariado e à restauração e aperfeiçoamento da Ordem Social.

Tens, ainda, um volume intitulado *«Doutrina Social da Igreja»* de Ruthen (37\$50) e outro *«A Igreja e a Questão Social»* (10\$00); em francês *«Le Pape, les Catholiques et la Question Social»* de Léon Grégoire (22\$00).

A propósito porque te não esfoças por melhorar o teu conhecimento de alguma língua estrangeira em que te sintas menos segura?

— És capaz de dar uma resposta cabal às perguntas que te fizerem sobre a origem do mundo e da vida, em que a Verdade científica e a Revelação se harmonizem plenamente?

Tens o dever de ler, por exemplo: «*L'Évolution du Monde Vivant*» (36\$) do Dr. Maurice Vernet; e «*Pensée Scientifique et Foi Chrétienne*» (55\$00).



— Sabes justificar a tua fé de intelectual?

Estuda a argumentação contida em: «*La Foi et sa Justification Rationnelle*» de Mgr. Brunhes (18\$00); «*Le Problème de la Foi et l'Élite Intellectuelle*» de H. de Pully (18\$00) e «*Mes Raisons de Croire*» (32\$40) de E. Magnin, esta obra de grande reputação e altamente elogiada pela mais severa crítica.



— Finalmente, não descures a tua formação espiritual. Escolhe, e medita profundamente, por exemplo:

«*L'Initiation à la Prière*» (41\$50) de Romano Guardini, «*Diálogos do Homem e de Deus*» de J. Leclercq (25\$00) que foi recentemente traduzida para português, e na mesma colecção «*O Valor Divino do Humano*» de Jesus Urteaga

(25\$00), para que, além de cresceres em Sabedoria, cresças também em Graça, diante de Deus e diante dos homens.



Mas principalmente não te limites a ler. Tira notas, habitua-te a sintetizar com papel e tinta as ideias que recebeste e as tuas reacções pessoais, discute intimamente com o autor, e melhor ainda, leva depois, para o círculo em que te moves, uma frase, uma ideia, e sacode com um pensamento de vida a banalidade das conversas de verão.

No entanto, muito cuidado com a pedantice e a tentação de deslumbrar um auditório menos preparado do que o meio universitário!



Uma última sugestão:

— Alguns destes livros serão excessivamente dispendiosos para a tua magra bolsa de estudante. Poderás, talvez, partilhar com a tua equipa a compra dos principais, e rolá-los, juntamente com a carta rolante de férias.

E, se tiveres coragem para levar na mala um vestido a menos, que daria lugar a dois ou três livros de categoria igual à do título de universitária que usas?

Encontrarás estes livros no Secretariado Nacional da J.C.F. — Av. Duque de Loulé, 90, 1.^o Dt.^o, Lisboa, na SET — Rua António Maria Cardoso, 68-1.^o e 2.^o Dt.^o, Lisboa, ou em qualquer boa livraria do País.



In principio erat Verbum
Et Verbum erat apud Deum
Et Deus erat Verbum

*Do fundo da minha noite
Tive um desejo longo de Ti.
E pressenti o Teu olhar
Suspenso em cada uma
Das Tuas imagens lentas.
O meu desespero
Escorreu da presença
Que existia
Nas minhas chagas abertas,
Amargas e violentas.
A minha noite longa
É verdadeira como o mar,
Mas havia um rasto do Teu sangue vivo
A contecer o perfil da minha sombra
O meu sonho adoeceu entre as coisas reais,
Mas por Ti vou quebrar
A certeza dura do meu grito,
Os meus irmãos
Negaram-me os olhos e as palavras
E escarneceram as chagas violentas
A doerem
Em cada uma das minhas mãos quebradas.*

*Do fundo da minha noite
Tive um desejo longo de Ti
E encontrei as Tuas veias esgotadas
A viverem humanamente a minha própria angústia.*

1953

Pensamento

Urge-nos cada dia mais a comunidade cristã.

É mais forte que tudo esta comunidade: porque originada no amor da Trindade, porque selada no mistério de Cristo — no Corpo Místico que é o traço mais forte para todos os homens de todos os tempos, de todos os lugares.

Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

FOLHA DA JUCISTA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loule, 90. r/cD. — Lisboa

Comp. e imp. na Tip. das Oficinas de S. José

Com aprovação Eclesiástica